



Os estereótipos como barreira no processo de ensino-aprendizagem de conceitos de Filosofia Moral no nível superior

Mateus Renard Machado

Doutorando em Filosofia (UFSM), Docente na Antonio Meneghetti Faculdade
mateus_machado@hotmail.com

Ricardo Schaefer

Doutor em Administração (UFSM), Docente na Antonio Meneghetti Faculdade
ricardoschaefer@libero.it

Resumo: O presente trabalho trata da atuação dos estereótipos como barreira na aprendizagem de conceitos de filosofia moral. O objetivo geral é descrever a influência dos estereótipos em alunos de graduação quando tratados temas morais em uma disciplina de filosofia, de uma instituição de ensino superior. Os objetivos específicos são evidenciar a atuação dos estereótipos e identificar como são acionados e utilizados pelo inconsciente dos alunos a partir do impacto com dilemas morais. A metodologia utilizada é a pesquisa de caráter bibliográfico e a análise quantitativo-qualitativa de dados extraídos de teste de desenho e questionário aplicado nos alunos. Os resultados são a demonstração da influência dos estereótipos quando tratado o dilema moral do aborto e a dificuldade de sua relativização. A conclusão é de que se deve adotar uma estratégia pedagógica de relativização dos estereótipos ao longo do semestre letivo para que se possa estabelecer uma relação de ensino-aprendizagem dos dilemas morais de maneira mais efetiva.

Palavras-chave: Dilema moral; Aborto; Estereótipo.

Stereotypes as a barrier in the teaching-learning process of moral philosophy concepts at the higher education

Abstract: The present paper deals with the stereotypes as a barrier in learning concepts of moral philosophy. The general objective is to describe the influence of stereotypes on undergraduate students when they deal with moral issues in a philosophy discipline of an a colete. The specific objectives are to highlight the performance of stereotypes and to identify how these stereotypes are triggered and used to students unconscious of impact with moral dilemmas. The methodology used is the research of a bibliographic character and the quantitative-qualitative analysis of data extracted from drawing test and questionnaire applied for students. The results are the demonstration of the influence of stereotypes when dealing with the moral dilemma of abortion and the difficulty of relativization. The conclusion is that we must adopt a pedagogical strategy to relativize stereotypes throughout the semester in order to establish a teaching-learning relationship of moral dilemmas more effectively

Keywords: Moral dilemma; Abortion; Stereotype.

Estereótipos como barreira en el proceso de enseñanza y aprendizaje de los conceptos de filosofía moral en el nivel superior

Resumen: El presente trabajo aborda el desempeño de los estereótipos como una barrera en el aprendizaje de conceptos de filosofía moral. El objetivo general es describir la influencia de los estereótipos en los estudiantes de pregrado cuando se trata de temas morales en una disciplina de filosofía, desde una institución de educación superior. Los objetivos específicos son resaltar el desempeño de los estereótipos e identificar cómo son activados y utilizados por los estudiantes inconscientes del impacto con dilemas morales. La metodología utilizada es la investigación bibliográfica y el análisis cuantitativo-cualitativo de los datos extraídos de la prueba de dibujo y el cuestionario aplicado a los estudiantes. Los resultados son una demostración de la influencia de los estereótipos cuando se trata el dilema moral del aborto y la dificultad de relativizarlo. La conclusión es que se debe adoptar una estrategia pedagógica para relativizar los estereótipos a lo largo del semestre escolar, de modo que se pueda establecer una relación más efectiva de enseñanza-aprendizaje de dilemas morales.

Palabras clave: Dilema moral; Aborto; Estereotipo.

1 Introdução

O presente trabalho surgiu da prática docente do autor com alunos de primeiro semestre do curso de Direito da Antonio Meneghetti Faculdade (AMF), na disciplina de Filosofia 01, desde o ano de 2014. Essa disciplina é dividida em duas fases: na primeira, um percurso pelos pensadores da antiguidade grega e, na segunda, trabalhando as principais teorias morais desenvolvidas ao longo da história da filosofia e suas implicações no cotidiano. Nessa segunda etapa do trabalho, as atividades são compostas de seminários, fazendo com que os alunos saiam da posição passivo-receptiva, aumentando a interação.

Ocorre que as intervenções permanecem em um baixo grau de desenvolvimento intelectual, ainda que os discentes estejam de posse dos textos propostos, onde são trabalhados argumentos sólidos e claros, já detidamente confrontado pelos filósofos. Esse cenário evidencia que a dificuldade dos alunos de graduação em analisar e discutir dilemas morais possa ter outra razão que não a complexidade do texto em si.

Tendo em vista que a gradação da dificuldade do texto ofertado é um

elemento controlável pelo professor e que, no caso concreto, o material utilizado é compatível com a faixa etária e desenvolvimento cognitivo do aluno, chegamos à necessidade de buscar qual outro fator poderia explicar o distanciamento dos discentes dos argumentos racionalmente desenvolvidos.

Levando em consideração que os dilemas morais abrangem temas de forte presença no social e que, talvez justamente por isso, geram debate, lançamos o nosso olhar para a possibilidade da interferência dos estereótipos na apropriação dos argumentos centrais que auxiliam na tomada de posição perante um caso concreto de conflito ético.

Plantada essa dúvida, coube a questão de como evidenciar a atuação dos estereótipos quando trabalhadas questões socialmente relevantes.

Não obstante, demonstrada a presença desses modos de comportamento dominantes, coube-nos discorrer sobre os mecanismos de atuação e a estrutura de acionamento dos estereótipos. Por estereótipo entende-se “um modelo de comportamento geral que se faz referência de outros semelhantes e que se torna valor de apoio para individuar segurança e razão dialética com a sociedade” (MENEGETTI, 2012b, p. 99).

Por sua vez, evidenciada a interferência dos estereótipos em temas de forte apelo moral e entendidos os seus mecanismos de atuação e reforço, surge a necessidade de uma proposta de prática pedagógica que auxilie o jovem no processo de relativização dos comportamentos rígidos, permitindo atitudes em consonância com a moral da vida.

Diante do exposto, o objetivo desse trabalho é descrever a influência dos estereótipos em alunos de graduação quando tratados temas morais. Adotamos como tema moral parâmetro para a investigação o dilema do aborto. A escolha dessa temática emerge da importância dos alunos do curso de direito se depararem ainda na faculdade com essa discussão, tendo em vista a possibilidade real de em suas carreiras, colocarem-se em ato decisório sobre esse dilema. Em específico, os objetivos são evidenciar a atuação dos estereótipos e identificar como esses estereótipos são acionados e utilizados pelo inconsciente dos alunos a partir do impacto com esses dilemas morais.

2 Dilemas morais e a questão do aborto

Dilemas morais são áreas temáticas em que não se sabe de imediato o que é moralmente bom ou certo. Alguns desses dilemas tem origem em princípios morais conflitantes (SANDEL, 2014, p. 33). Há colisão, por exemplo, no conhecido Dilema do Bonde Desgovernado¹, onde se deve fazer o

¹ O trecho a seguir explica o dilema do bonde desgovernado: “Suponha que você seja o motorista de um bonde desgovernado avançando sobre os trilhos a quase 100 quilômetros por hora. Adiante, você vê cinco operários em pé nos trilhos, com as ferramentas nas mãos. Você tenta parar, mas não consegue. Os freios não funcionam. Você se desespera porque sabe que, se atropelar esses cinco operários, todos eles morrerão. De repente você nota um desvio para a direita. Há um operário

cotejo entre o princípio que diz que devemos salvar o maior número de vidas possível e outro princípio que afirma que é errado matar um inocente, mesmo que por uma boa causa.

De acordo com Napoli (2014, pp. 200-201) os dilemas morais podem ser caracterizados de modo geral pelos seguintes aspectos

(1) um agente se encontra em uma situação na qual ele estaria moralmente obrigado a praticar, no mínimo, duas ações opostas, como, por exemplo, salvar uma criança que está se afogando no mar e não salvá-la, porque sabe que sem experiência e boa forma poderá se afogar junto, deixando sua família e seus próprios filhos sem pai. O agente, (2) embora possa moralmente praticar cada uma delas separadamente, (3) não pode praticar ambas ao mesmo tempo: o dever de realizar A significa dever de realizar B (ou não A); logo, (4) as duas ações parecem conflitantes entre si.

A decisão pelo abortamento se propõe como dilema moral na medida em que (1) a mãe não deseja levar adiante essa gravidez por indesejada, ante as consequências que essa gestação lhe causará², que podem ser desde o risco para a própria vida ou saúde, a perda ou limitação de oportunidades profissionais, a dificuldade financeira ou até mesmo o não ver-se como projeto mãe, devendo ausentar-se de si para o cuidado do outro; (2) a proteção à vida da criança, dado que é injusto eliminar um inocente; (3) o fato de que realizar uma conduta implica necessariamente em abster-se da realização da outra, naquele dado momento histórico.

naqueles trilhos também, mas apenas um. Você percebe que pode desviar o bonde, matando esse único trabalhador e poupando outros cinco. O que você deveria fazer?” (SANDEL, 2014, pp. 30-31).

² Falamos em consequência por ora apenas na vida da mãe. Todavia, uma gestação indesejada pode ter efeitos na criança.

A discussão sobre o abortamento é tema recorrente em nossa sociedade. Em 2018, após intensa discussão, a câmara dos deputados da Argentina aprovou a interrupção da gravidez até a 14ª semana, decisão que em agosto do mesmo ano caiu por terra ao ser barrada no Senado.³ No Brasil existem propostas de alteração legislativa para o endurecimento das regras para interrupção da gravidez⁴, as quais voltaram aos holofotes tendo em vista o recente período eleitoral e a mudança da estrutura de governo. Os discursos dos grupos pró-mulher e pró-vida, respectivamente favoráveis e contrários ao aborto, são permeados, por um lado, por argumentos em favor do direito de escolha mulher, por uma questão de saúde pública e pela inobservância legal da conduta na prática, e o por outro, os argumentos baseiam-se em favor da sacralidade da vida, geralmente advindos de grupos religiosos. As discussões concentram-se, em síntese, no campo da busca pelo início da vida e pelo respeito à autonomia.

Segundo Meneghetti (2014, p. 26) “a diatribe pró ou contra o aborto depende da equivocada concepção do conceito de autonomia”. Para o autor, autonomia é ter a capacidade de sozinho ser lei-força, ter eficiência para a própria individuação.

Nesse diapasão, o feto ainda não possui autonomia. Sua força depende da mãe, enquanto hospedeiro do corpo dela. Trata-se de uma potencialidade, de um vir-a-ser como indivíduo autônomo. Ainda não possui autonomia plena, apenas possível, ou seja, não é ato.

Cabe à mãe, portanto, enquanto ato, a decisão de manter essa potencialidade. A potência enverga-se

diante do ato.⁵ Ao que é, temos um acontecimento, uma certeza, à potencialidade uma esperança. O feto é uma potencialidade a qual ainda não se sabe se realmente se tornará evento. Resta cristalino que o já consumado não pode dar lugar ao contingente. A mãe é ato obrigatório porque dá mais vida. O real não se obriga ao que ainda não é (totalmente). Nesse sentido, “O possível não pode fazer história contra o concreto, não pode ser lei para o real.” (MENEGETTI, 2014, p. 26)

Antonio Meneghetti desloca o discurso da polêmica sobre a origem da vida, se na concepção, se na mera potencialidade já se deve preservar o feto. A discussão deve permanecer na relação entre mãe e feto, não apenas na potencialidade do feto como detentora de direitos (morais, não jurídicos) inabaláveis. Como explica o autor

Quando se faz política, moral, etc. é preciso ter claras as ideias das essências. Por exemplo, através do aborto, mata-se um ser humano ou um aglomerado de células? Este é um problema da ciência. O homem é uma sumidade do conhecimento, da essência; um feto ainda é um processo, uma partida. Se raciocinarmos afirmando que, porém, aquele feto chegará a ser homem, então retorna o problema dos espermatozoides e dos óvulos. Portanto, quando se faz uma seleção, é preciso ver as categorias que fazem essência naquela situação. (MENEGETTI, 2011a, pp. 112-113)

Portanto, em que pese o feto já seja um *Em Si*, não significa que possui o mesmo direito que a mãe (MENEGETTI, 2014, p. 26). A genitora, por já estruturada, já existente, sobrepõe-se em interesse àquele. Deve-se dar prioridade para a mulher naquilo que mais desenvolve o seu projeto. Por isso é

³ Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-45126092>>. Acesso em 25 mar 2019.

⁴ A exemplo da PEC 181/2015, do PL 5069/2013 e PL 7371/2014.

⁵ Em certo sentido, trata-se da regra inexorável do *ubi maior minor cessat* (MENEGETTI, 2009, p. 54).

em vão procurar o critério a partir da ciência. Não se deve estabelecer como critério um marco biológico, como ocorre no direito cujo parâmetro é a nidação (fixação do óvulo fecundado no útero).

Para Meneghetti (2002, p. 91) “em todas as questões morais relativas ao homem (aborto, matrimônio, etc.), o critério é dado pela reação a longo termo da constante H”. Por constante H entende o autor como o “critério objetivo da funcionalidade humana e dos valores referentes a ela” (2002, pp. 88-89). O respeito a esse critério dá mais vida, é positivo.

2.1 Mecanismo de ativação dos estereótipos: monitor de deflexão e complexos

Etimologicamente estereótipo significa “torno estável, torno indivisível, endureço” (MENEGETTI, 2012b, p. 99). Segundo a Ontopsicologia, os estereótipos são como “um módulo de construção que o Eu invariavelmente usa, não obstante a novidade dos eventos históricos” (MENEGETTI, 2010, p. 262). No agir segundo o modelo ditado pelos estereótipos distancia-se do contato consigo mesmo, perde-se autonomia individual. Ainda que os fatos da vida sejam sempre novos e, por isso, exijam uma postura adequada a cada novidade, o indivíduo atém-se ao comportamento de massa, preso aos ditames proferidos pelo grupo que certificou como válido para si.

Entende-se por estereótipo “qualquer conduta, comportamento, previsão no interior de uma instituição pública, de uma lei, de uma religião; qualquer ato público que liga, configura, determina qualquer tipo de relação ou de compostos.” (MENEGETTI, 2019, p. 35). Abdica-se da liberdade individual em prol do enlatado social. Agarra-se a um comportamento como sendo o único possível, tornando esse agir identitário.

Vale lembrar que, de per si, os estereótipos não são positivos ou negativos. O julgamento se dá pela funcionalidade ao homem, pelo resultado benéfico ou não que produz ao indivíduo. É o resultado para cada sujeito, portanto, que fala pelo seu valor.

O indivíduo poderia usar um estereótipo como válido para aquele contexto, em um determinado momento, e depois abandoná-lo. Ou seja, usá-lo como vantagem social, sem nunca abdicar intimamente de si.

Ocorre que o estereótipo é a base social de atuação do monitor de deflexão. É o substrato externo que o monitor utiliza para agir. O meio que, através da cultura, da moral, dos diversos comportamentos enraizados, são convergidos para esse mecanismo.

O monitor de deflexão é um mecanismo como uma placa-mãe especular, uma espécie de projeção, que funciona similar a um holograma, e é inserido na primeira infância. Meneghetti (2011b, p. 50) denomina essa placa-mãe holográfica de matriz reflexa, a partir da qual se determina e programa toda a vida do indivíduo. Monitor de deflexão é o mecanismo geral, atinente a todos. A matriz reflexa é esse mecanismo aplicado em um indivíduo concreto.

O monitor de deflexão ou grelha de deformação funciona como um mecanismo relé, ativando-se em momentos de maior emoção para o sujeito. Em momentos de emoção mais baixa, permanece inerte.

Para poder agir o monitor precisa de substrato, de uma materialidade comum aos indivíduos, de algo de objetivo, externo. São esses os pontos fixos, certas leis de comportamento. O monitor, portanto, “age sobre os vetores informativos dos estereótipos culturais e sociais, fruindo de energia humana. Externamente, identifica-se com o superego.” (MENEGETTI, 2014, p. 173)

Os aspectos centrais de atuação do monitor de deflexão são o metafísico (religião ou dedicação absoluta), sexual e a piedade (amor social). São os valores mais fortemente acreditados pelo homem, para o qual se desloca maior energia, por isso preferencial ao monitor. São todos valores facilmente encontrados no social, de forte apelo para o indivíduo. Não por outra razão que o superego social entra no sujeito através do monitor de deflexão, fazendo com que “a sociologia prevalece sobre o que é a psicologia pessoal, a sociedade forma o sujeito.” (MENEGETTI, 2013, p. 273)

O superego pode ser entendido como o conjunto de complexos culturais, cuja composição são as regras morais. Essas regras são utilizadas, instrumentalizadas pelo monitor ou grelha de deformação. Nesse sentido é que, segundo Meneghetti (2011b, p. 51), o monitor é racional, isto é, “faz as coisas aparecerem através de uma credibilidade histórica”.

Nesse contexto, uma determinada regra moral, um *habitus* social toma primado diante de outros estímulos mais vitais ao sujeito, porque o monitor no seu agir condena esses estímulos como perigosos, maus ou proibidos. Isto é, o monitor antecipa-se ao Eu, lançando a mensagem de perigo anexo ao estímulo vital. Não por outra razão, Meneghetti (2011b, p. 51) definiu o monitor de deflexão como algo negativo, porque estando em atividade o homem diminui.

O monitor de deflexão em conjunto com o acervo das estruturas intelectuais, tradicionais e culturais entram em colaboração para determinar o que depois se torna a atividade psíquica de um complexo. Complexo significa “uma atividade da psique autônoma em relação ao Eu consciente, enquanto independente das escolhas lógico-voluntárias desse último.” (MENEGETTI, 2012a, p. 103).

O complexo age em antecipação ao Eu lógico-consciente. O complexo condiciona as escolhas do Eu, age antes que este decida. Age de modo inconsciente, direcionando o olhar do sujeito para uma visão sempre condicionado a sua estrutura, ao seu código. Por isso, “determina os modos de conhecimento do Eu.” (MENEGETTI, 2011b, p. 71).

O complexo não é de per si patológico, mas uma “realidade psíquica que se formou em compromisso entre as exigências sociais e as exigências biológicas do indivíduo.” (MENEGETTI, 2012a, p. 103). Ocorre que o complexo condensa uma quantidade de energia superior à que o Eu dispõe, fazendo primazia sobre este.

O problema se dá quando a energia do complexo age na realidade sem vantagem para o Eu lógico-histórico. Gere uma novidade com base em elementos do passado, na memória. Por outro lado, a situação em que o indivíduo se coloca é nova, ele é outro, as relações são outras. O dinamismo da vida exige uma postura nova diante do novo desafio. O complexo, não obstante, direciona a relação com esse desafio com base em experiências passadas, que não oferecem a solução ótima para o sujeito no aqui e agora. A força do complexo, portanto, está na necessidade de repetir eventos do passado. Segundo Meneghetti (2012a, p. 103)

O complexo tem ação direta sobre qualquer parte de conhecimento do real. Vive livre da censura das regras sociais, em exclusividade biológica, não tem possibilidade de evolução sociopsíquica da civilização. Através do complexo forma-se qualquer doença psicossomática, qualquer disfunção intelectual (da esquizofrenia à neurose) e qualquer erro econômico ou de posicionamento político.

A fonte do complexo está presente na cena primária, na imagem matriz, a

qual determina o estilo de díade que a criança vai desenvolver ao longo da via, caso não passe pelo processo de autenticação. A simbiotização do monitor de deflexão ocorre em um momento de frustração. É na frustração que se abre o caminho para a distorção. O adulto-mãe frustrado lança a condição, por exemplo, 'ou está comigo ou nada!'. A criança abdica de si para sobreviver na família e passa a ter a recompensa afetiva mediante esse jogo.

Segundo o professor Antonio Meneghetti (2012a, p. 107) a imagem matriz “quase sempre é do tipo sexual ou agressivo, isto é, trata-se de uma energia que foi bloqueada na esfera sexual ou agressiva.” Convém trazer o seguinte trecho, o qual nos permite entender, através de um exemplo de gravidez indesejada e repressão agressiva. Vejamos:

Podemos ter um exemplo de repressão agressiva com o caso de uma mãe que por regra social, familiar ou religiosa – deve levar adiante um filho que não quer. Na realidade, acontece que, na sua radical intimidade inconsciente, ela gostaria de matar o feto. A criança registra essa agressividade no seu próprio inconsciente, enquanto que, no externo, a mãe a amará mais do que aos outros para encobrir a culpa do assassinio que, num primeiro momento, teve vontade de executar. Toda essa relação de amor encobre uma primeira agressividade espontânea do inconsciente da mãe. Em seguida, os filhos nascidos dessa situação emotiva terão sérios problemas psicológicos ou de anomalia social. [...] Por isso, concordo que é melhor fazer um aborto (dentro dos três primeiros meses), que levar adiante uma gravidez por dever social. (MENEGETTI, 2012a, p. 108)

Em resumo, os estereótipos são os pré-fixados sociais que, selecionados pelo indivíduo conforme sua matriz reflexa e com a ativação do complexo, são utilizados pelo monitor de deflexão como

forma de distanciamento do Eu em relação ao Em Si.

Por isso que no processo de lidarmos com conteúdos de cunho moral, como no caso do aborto, os estereótipos são resgatados, principalmente aqueles passados no âmbito familiar. Como resultado temos a rigidez no julgamento e dificuldade de aceitação de uma posição discordante da pré-fixada.

A questão que surge é como trabalhar com temas de conteúdo moral de forma a minimizar a ativação dos estereótipos dos alunos no âmbito de sala-de-aula. Nesse sentido, no próximo capítulo serão analisados os resultados obtidos com os testes aplicados aos discentes e as propostas pedagógicas que podem ser lançadas a partir desses resultados.

Letra Times New Roman ou Arial, tamanho 12, espaçamento 1,5 entre linhas, com entrada de parágrafo de 1,25 (alínea).

3 Método

No presente trabalho realizou-se uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, com intuito de definição dos principais conceitos atinentes ao aborto, dilemas morais, estereótipos, monitor de deflexão e complexo. Posteriormente, passou-se à análise dos dados colhidos. A coleta de dados aproveitáveis⁶ para análise se deu a partir de 15 (quinze) alunos da disciplina de Filosofia 01 do curso de Direito da AMF. Tal coleta se deu no interregno máximo de 01 (uma) semana ao final do 2º semestre letivo de 2018.

Proposto o dilema do aborto, a partir da obra de Sandel (2014), os alunos foram instados a *a*) realizar 02 desenhos

⁶ Foram descartados os testes que não foram realizados nos dois momentos (anterior e posterior à tentativa de relativização dos estereótipos), o que impossibilita comparação e análise.

que refletissem o momento anterior e posterior à prática de um aborto, em si mesmo ou alguém muito próximo, **b)** responder questionário com 20 (vinte) situações a serem graduadas conforme relevância ou relatividade, **c)** realização de uma redação argumentado de forma favorável ou contrária ao aborto. Após a leitura dos 2 (dois) textos propostos (RACHELS, 2014), visualização da entrevista do dr. Drauzio Varela com o Médico Jeferson Drezett e discussão em aula, os testes foram repetidos.

As ferramentas de pesquisa empírica são assim detalhadas:

a) Teste cuja proposta era realização de dois desenhos, para os quais foram fornecidas folhas separadas, cada qual com o seguinte cabeçalho: “*Suponha que se encontre na seguinte situação: você ou uma pessoa muito próxima tenha que realizar um aborto. A partir desse cenário, faça um desenho livre que ao seu modo de ver represente um momento anterior e um desenho que represente um momento posterior este processo.*” Em uma das folhas os alunos deveriam desenhar o momento anterior à realização do fictício aborto, em si ou em alguém de sua estima, enquanto que na outra o desenho deveria refletir o momento posterior a esse procedimento;

b) Em seguida, foi solicitado que respondessem a um questionário, cujo cabeçalho assim determinava: “*Segundo a sua opinião, para uma pessoa realizar-se como pessoa, quais atitudes e comportamentos deve possuir? Avalie as situações abaixo marcando: (1) indispensável (necessita ter essa atitude e/ou comportamento); (2) relativo (significa que essa atitude e/ou comportamento depende de cada situação em específico e/ou do momento de vida que cada pessoa se encontra); (3) irrelevante (significa que em nada contribui à realização)*”. Os alunos foram orientados a assinalar o grau de relevância de cada um dos 20 (vinte)

comportamentos ou atitudes para a sua própria vida, a seguir elencados:⁷

Quadro 01: Perguntas do questionário elaborado pelo autor a partir de SANTOS (2011).

1) Deve ter uma família.
2) Deve ter filhos.
3) Sempre obedecer aos mais velhos.
4) Não discutir ou se opor a uma autoridade reconhecida pela sociedade.
5) Defender uma ideologia.
6) Manter sempre as próprias convicções.
7) Não questionar as normas.
8) Não discutir a moral social.
9) Ter uma religião.
10) Sempre ajudar ao próximo.
11) Colocar-se na situação do outro.
12) Respeitar as escolhas dos outros.
13) Ter um trabalho.
14) Ter uma vida acadêmica.
15) Namorar.
16) Viver uma paixão.
17) Frequentar uma igreja.
18) Sempre preservar as relações de amizade.
19) Jamais mentir.
20) Ter a presença do melhor amigo no aniversário.

Cumprido destacar que esse teste foi elaborado a partir do “Questionário sobre o modo de vivência dos estereótipos” de SANTOS (2011), cujo propósito é evidenciar a capacidade de relativização dos estereótipos pelos alunos. Segundo o autor a criação desse teste se deu ante à inexistência de qualquer instrumento que avaliasse como o estudante vive os estereótipos, se os absolutiza ou relativiza.⁸

c) Realização de uma redação dissertativo-argumentativa, com introdução, desenvolvimento e conclusão onde ficasse clara a opinião do aluno com base nos argumentos até então dispostos;

⁷ Esse teste pode ser visualizado a partir dos exemplos trazidos no texto, disposto adiante no tópico referente aos resultados.

⁸ O autor realizou sua pesquisa junto a *Mental Measurements Yearbook* (MMY), ao *Tests in Print*, ao *Test Collection Bibliographies*, ao *Science Directorate* e ao Conselho Federal de Psicologia brasileiro.

d) Por fim, foi proposto que os alunos deveriam realizar a leitura e fichamento de 02 (dois) textos filosóficos, previamente escolhidos pelo professor, um com argumentos contrários ao abortamento e o outro com argumentos favoráveis a esse procedimento. Os textos são “Por que o aborto é imoral”, de Don Marquis, e “Uma defesa do aborto”, de Judith Jarvis Thomson. Tratam-se de artigos retirados do livro “A coisa certa a fazer: leituras básicas sobre filosofia moral”, organizado por James e Stuart Rachels e publicado no Brasil na sua 6ª edição, no ano de 2014. Essa obra comunga de ótima aceitação acadêmica, sendo utilizada em disciplinas e cursos de Bioética e Metaética. Para auxiliar na compreensão e fixação dos pontos centrais do texto, foi fornecida folha específica para fichamento. Nesse momento, realizou-se a explicação do fichamento a partir do seguinte esquema: tema, palavras-chave, citações e resumo. Foi destacado que deveriam trabalhar primeiro com o texto cuja argumentação fosse oposta à própria convicção pessoal, naquele dado momento. Para a leitura e o fichamento os alunos tiveram o prazo de uma semana.

No próximo encontro foi realizada uma breve discussão sobre as principais percepções que tiveram dos textos. Em seguida, assistiu-se à entrevista realizada pelo médico Dráuzio Varella, profissional de largo alcance midiático, com o médico ginecologista e obstetra Jefferson Drezett, coordenador do Ambulatório de Violência Sexual e de Aborto Legal do Hospital Pérola Byington, hospital público da cidade de São Paulo, considerado um dos melhores centros de referência da saúde da mulher.

Durante entrevista o especialista discorre sobre as suas vivências na coordenação do Ambulatório com meninas e mulheres vítimas de violência sexual e que procuram a unidade com o

intuito de fazer a interrupção legal da gravidez. Em que pese o médico trabalhar apenas com os casos de abortos em virtude de casos de estupro e, portanto, amparados pela legislação pátria, ainda assim discorre sobre os mais variados cenários de necessidade/escolha do abortamento em situação de não violência sexual.

O profissional traz dados de extrema relevância e atualidade sobre o tema como o número de meninas até 12 anos vítimas de violência sexual. Discorre sobre a visão que a categoria médica possui, trazendo o percentual de profissionais que são favoráveis ao endurecimento legal das possibilidades atualmente previstas para o aborto, bem como o percentual de ginecologistas que acreditam que a legislação deveria ser abrandada ou ainda essa prática completamente descriminalizada. O entrevistado também propõe sua visão sobre a lei que criminaliza o aborto, rebate os argumentos mais corriqueiros sobre as práticas médicas em relação às consequências da gravidez indesejada e do aborto clandestino. Alerta sobre o papel do Estado como garantidor de políticas públicas de acesso à saúde da mulher e da sua não criminalização. Por fim, ressalta a separação e, via de consequência, não interferência das entidades religiosas em temas que possam negar direitos aos cidadãos do Estado Democrático laico brasileiro.

Ao fim da sessão, foram retomados os principais argumentos da entrevista em diálogo com a turma. Ato contínuo, repetiu-se os mesmos testes realizados na semana anterior: a) dois desenhos que retratassem o momento anterior e posterior à realização de um aborto em si mesmo ou em alguém muito próximo; b) o questionário com a descrição dos mesmos comportamentos e atitudes; c) a confecção de um texto opinativo com a mesma diretiva anterior.

Para análise dos desenhos utilizamos interpretação relativa ao simbolismo, tendo como critério os valores do Em Si organísmico propostos por Antonio Meneghetti na obra “A imagem e o inconsciente”. Na análise geral dos símbolos avaliamos se essa imagem reproduz aspectos de vantagem para o indivíduo. Para Meneghetti (2012a, p. 91), os cinco valores do Em si organísmico são: 1) a própria identidade, 2) viver, 3) capacidade, 4) liberdade, 5) vantagem relacional da própria identidade. A presença de símbolos com os valores naturísticos retrocitados apontam para a direção do Em Si ôntico. Para identificar os símbolos que apontam para os valores sociais, atuados pelos vetores moral ou superego, monitor de deflexão e Eu lógico-histórico, utilizamos como critério os seguintes valores: 1) autoridade; 2) obediência; 3) salvação; 4) vida, como resultado de honra.⁹ Realizamos a análise a partir desses valores, tendo como critério o utilitarismo-funcional para o indivíduo.

Para ambas situações nos pautamos pelo significado dos símbolos presentes no “Prontuário Onírico” (MENEGHETTI, 2012c). A análise foi realizada com o auxílio de um técnico ontopsicólogo. Aos símbolos sem correspondência no Prontuário, recorremos à conotação racional e de senso comum, conforme alerta epistemológico destacado por

⁹ Tais valores foram igualmente extraídos da obra “A imagem e o inconsciente”, de Antonio Meneghetti.

No que toca à noção de *honra*, Meneghetti (2012a, p. 93) explica que “a honra não está diante da vida, como o prazer, mas é uma exaltação segundo a opinião do grupo que gratifica o sujeito (se o indivíduo é bom, a sociedade o promove, lhe dá uma medalha, torna-o santo ou herói...), portanto, não é uma honra que coincide com a glória da vida. Substancialmente, a sociedade primeiro mata o homem, depois lhe ergue um monumento. A lógica dos valores da vida, ao contrário, é que o homem seja exaltado e obtenha satisfação e glória na vida.”

Meneghetti¹⁰, propondo, portanto, a interpretação ao nosso olhar.

Em síntese, foram observados certas características gerais de redução, manutenção ou aumento da rigidez dos estereótipos, comparando-se os desenhos realizados nos dois momentos.¹¹

Para a análise dos questionários foi utilizado o seguinte parâmetro: para cada atitude ou comportamento, as respostas “(1) Indispensável” e “(3) Irrelevante” podem indicar que o aluno vive esses estereótipos como absoluto. Assinalando a resposta “(2) Relativo” significa que o discente relativiza os estereótipos sociais.¹²

Por fim, foram inter cruzados os resultados dos testes aplicados com o referencial teórico produzido, demonstrando os resultados por ora encontrados e os possíveis caminhos a serem desenvolvidos a partir desses resultados.

4 Discussões e Resultados

Na presente seção optamos por trazer inicialmente os resultados referentes aos testes que analisam aspectos conscientes. Primeiro os dados coletados dos questionários, demonstrando a variação das respostas em um e outro momento. Destacamos os

¹⁰ “Todos os símbolos e personagens (fábulas, monstros, crenças populares, mitos, tradições, senso comum) não referidos, significam exatamente como já os conotamos racionalmente e pessoalmente. *Escolhi os símbolos que ainda hoje não são conotados segundo a sua significância íntima, que, em sua maioria, são negativos. Por isso, deixei de lado todos aqueles que já são óbvios e correspondentes à realidade, e deixei de lado a maior parte da simbólica positiva que de fato é aberta ao senso comum corrente.*” (2012c, p. 74).

¹¹ Antes e depois do processo de sensibilização. Por “processo de sensibilização” entende-se o contato com diversos elementos de cultura e conhecimento que flexibilizem o modo de pensar de um determinado lugar.

¹² Proposta retirada de Santos (2011).

resultados de três alunos, os quais também serão objeto de análise nos demais testes. Em seguida, trazemos as redações desses alunos selecionados, como forma de amparo ao teste consciente. Por fim, faremos a análise dos desenhos, demonstrando como o inconsciente evidencia a influência dos estereótipos. Novamente trouxemos dados de todo o grupo e destacamos os alunos-referência.

Começamos com as respostas ao teste do questionário dos três alunos selecionados como referência para o presente trabalho¹³. Vejamos:

Figuras 01 e 02: Respostas ao questionário elaborado pelo autor.

Segundo a sua opinião, para uma pessoa realizar-se como pessoa, quais atitudes e comportamentos deve possuir? Avalie as situações abaixo marcando (1) indispensável (necessita ter essa atitude e/ou comportamento); (2) relativo (significa que essa atitude e/ou comportamento depende de cada situação em específico e/ou do momento de vida que cada pessoa se encontra); (3) irrelevante (significa que em nada contribui à realização).

Atitude/comportamento	(1) Indispensável	(2) Relativo	(3) Irrelevante
1 Deve ter uma família.	X		
2 Deve ter filhos.	X		
3 Sempre obedecer aos mais velhos.	X		
4 Não discutir ou se opor a uma autoridade reconhecida pela sociedade.		X	
5 Defender uma ideologia.	X		
6 Manter sempre as próprias convicções.	X		
7 Não questionar as normas.		X	
8 Não discutir a moral social.		X	
9 Ter uma religião.		X	
10 Sempre ajudar ao próximo.	X		
11 Colocar-se na situação do outro.	X		
12 Respeitar as escolhas dos outros.	X		
13 Ter um trabalho.	X		
14 Ter uma vida acadêmica.	X		
15 Namorar.		X	
16 Viver uma paixão.		X	
17 Frequentar uma igreja.		X	
18 Sempre preservar as relações de amizade.	X		
19 Jamais mentir.	X		
20 Ter a presença do melhor amigo no aniversário.		X	

Segundo a sua opinião, para uma pessoa realizar-se como pessoa, quais atitudes e comportamentos deve possuir? Avalie as situações abaixo marcando (1) indispensável (necessita ter essa atitude e/ou comportamento); (2) relativo (significa que essa atitude e/ou comportamento depende de cada situação em específico e/ou do momento de vida que cada pessoa se encontra); (3) irrelevante (significa que em nada contribui à realização).

Atitude/comportamento	(1) Indispensável	(2) Relativo	(3) Irrelevante
1 Deve ter uma família.		X	
2 Deve ter filhos.	X		
3 Sempre obedecer aos mais velhos.	X		
4 Não discutir ou se opor a uma autoridade reconhecida pela sociedade.		X	
5 Defender uma ideologia.	X		
6 Manter sempre as próprias convicções.		X	
7 Não questionar as normas.		X	
8 Não discutir a moral social.		X	
9 Ter uma religião.		X	
10 Sempre ajudar ao próximo.	X		
11 Colocar-se na situação do outro.	X		
12 Respeitar as escolhas dos outros.	X		
13 Ter um trabalho.	X		
14 Ter uma vida acadêmica.	X		
15 Namorar.		X	
16 Viver uma paixão.		X	
17 Frequentar uma igreja.		X	
18 Sempre preservar as relações de amizade.	X		
19 Jamais mentir.	X		
20 Ter a presença do melhor amigo no aniversário.		X	

Fonte: Questionário respondido pelo aluno E.R.A., 2018.

Figuras 03 e 04: Respostas ao questionário elaborado pelo autor.

Segundo a sua opinião, para uma pessoa realizar-se como pessoa, quais atitudes e comportamentos deve possuir? Avalie as situações abaixo marcando (1) indispensável (necessita ter essa atitude e/ou comportamento); (2) relativo (significa que essa atitude e/ou comportamento depende de cada situação em específico e/ou do momento de vida que cada pessoa se encontra); (3) irrelevante (significa que em nada contribui à realização).

Atitude/comportamento	(1) Indispensável	(2) Relativo	(3) Irrelevante
1 Deve ter uma família.	X		
2 Deve ter filhos.		X	
3 Sempre obedecer aos mais velhos.	X		
4 Não discutir ou se opor a uma autoridade reconhecida pela sociedade.		X	
5 Defender uma ideologia.		X	
6 Manter sempre as próprias convicções.	X		
7 Não questionar as normas.		X	
8 Não discutir a moral social.		X	
9 Ter uma religião.		X	
10 Sempre ajudar ao próximo.	X		
11 Colocar-se na situação do outro.		X	
12 Respeitar as escolhas dos outros.	X		
13 Ter um trabalho.	X		
14 Ter uma vida acadêmica.	X		
15 Namorar.			X
16 Viver uma paixão.			X
17 Frequentar uma igreja.		X	
18 Sempre preservar as relações de amizade.	X		
19 Jamais mentir.		X	
20 Ter a presença do melhor amigo no aniversário.		X	

¹³ São considerados referência porque nos testes dos desenhos apresentaram resultados no sentido de relativização, reforço e não relativização dos estereótipos.

Segundo a sua opinião, para uma pessoa realizar-se como pessoa, quais atitudes e comportamentos deve possuir? Avalie as situações abaixo marcando (1) **indispensável** (necessita ter essa atitude e/ou comportamento); (2) **relativo** (significa que essa atitude e/ou comportamento depende de cada situação em específico e/ou do momento de vida que cada pessoa se encontra); (3) **irrelevante** (significa que em nada contribui à realização).

Atitude/comportamento	(1) Indispensável	(2) Relativo	(3) Irrelevante
1 Deve ter uma família.	X		
2 Deve ter filhos.		X	
3 Sempre obedecer aos mais velhos.	X		
4 Não discutir ou se opor a uma autoridade reconhecida pela sociedade.		X	
5 Defender uma ideologia.		X	
6 Manter sempre as próprias convicções.		X	
7 Não questionar as normas.		X	
8 Não discutir a moral social.		X	
9 Ter uma religião.		X	
10 Sempre ajudar ao próximo.	X		
11 Colocar-se na situação do outro.	X		
12 Respeitar as escolhas dos outros.	X		
13 Ter um trabalho.		X	
14 Ter uma vida acadêmica.		X	
15 Namorar.			X
16 Viver uma paixão.			X
17 Frequentar uma igreja.		X	
18 Sempre preservar as relações de amizade.	X		
19 Jamais mentir.		X	
19 Ter a presença do melhor amigo no aniversário.		X	

Fonte: Questionário respondido pela aluna **L.R.S.**, 2018.

Figuras 05 e 06: Respostas ao questionário elaborado pelo autor.

Segundo a sua opinião, para uma pessoa realizar-se como pessoa, quais atitudes e comportamentos deve possuir? Avalie as situações abaixo marcando (1) **indispensável** (necessita ter essa atitude e/ou comportamento); (2) **relativo** (significa que essa atitude e/ou comportamento depende de cada situação em específico e/ou do momento de vida que cada pessoa se encontra); (3) **irrelevante** (significa que em nada contribui à realização).

Atitude/comportamento	(1) Indispensável	(2) Relativo	(3) Irrelevante
1 Deve ter uma família.		3	
2 Deve ter filhos.		2	
3 Sempre obedecer aos mais velhos.		2	
4 Não discutir ou se opor a uma autoridade reconhecida pela sociedade.	1		
5 Defender uma ideologia.	1		
6 Manter sempre as próprias convicções.		2	
7 Não questionar as normas.	3		3
8 Não discutir a moral social.		2	3
9 Ter uma religião.			3
10 Sempre ajudar ao próximo.	1		3
11 Colocar-se na situação do outro.		2	
12 Respeitar as escolhas dos outros.	1		
13 Ter um trabalho.	1		
14 Ter uma vida acadêmica.	1		
15 Namorar.	1		
16 Viver uma paixão.	1		3
17 Frequentar uma igreja.			
18 Sempre preservar as relações de amizade.	1		
19 Jamais mentir.	1		
20 Ter a presença do melhor amigo no aniversário.			3

Segundo a sua opinião, para uma pessoa realizar-se como pessoa, quais atitudes e comportamentos deve possuir? Avalie as situações abaixo marcando (1) **indispensável** (necessita ter essa atitude e/ou comportamento); (2) **relativo** (significa que essa atitude e/ou comportamento depende de cada situação em específico e/ou do momento de vida que cada pessoa se encontra); (3) **irrelevante** (significa que em nada contribui à realização).

Atitude/comportamento	(1) Indispensável	(2) Relativo	(3) Irrelevante
1 Deve ter uma família.	X		
2 Deve ter filhos.		X	
3 Sempre obedecer aos mais velhos.		X	
4 Não discutir ou se opor a uma autoridade reconhecida pela sociedade.		X	
5 Defender uma ideologia.	X		
6 Manter sempre as próprias convicções.	X		
7 Não questionar as normas.		X	
8 Não discutir a moral social.		X	
9 Ter uma religião.			X
10 Sempre ajudar ao próximo.		X	
11 Colocar-se na situação do outro.		X	
12 Respeitar as escolhas dos outros.		X	
13 Ter um trabalho.	X		
14 Ter uma vida acadêmica.	X		
15 Namorar.		X	
16 Viver uma paixão.		X	
17 Frequentar uma igreja.			X
18 Sempre preservar as relações de amizade.	X		
19 Jamais mentir.	X		
19 Ter a presença do melhor amigo no aniversário.		X	

Fonte: Questionário respondido pelo aluno **R.C.M.**, 2018.

Abaixo tabela que representa os números absolutos de respostas dos mesmos três alunos no quesito 2 (relativização):

Tabela 01: Respostas dos alunos retrocitados no quesito 2 do questionário.

Aluno	Antes	Depois
E.R.A.	08	10
L.R.S.	10	12
R.C.M.	06	11

Fonte: Dados coletados no questionário, 2018.

Na análise das respostas aos questionários, todos os alunos tiveram aumento de respostas no quesito 2, ou seja, de relativização das atitudes/comportamentos.

A fim de trazer os dados de recorrência das respostas, foram elaborados dois quadros, referentes aos dois momentos do trabalho. Nas colunas temos a referência de cada aluno, somente com as siglas do nome, em ordem alfabética. Nas linhas à esquerda temos numeração de 1 à 20, cada qual referente às perguntas a seguir:

Quadro 02: Atitudes e comportamentos presentes no questionário elaborado pelo autor.

1) Deve ter uma família.	2) Deve ter filhos.	3) Sempre obedecer aos mais velhos.
4) Não discutir ou se opor a uma autoridade reconhecida pela sociedade.	5) Defender uma ideologia.	
6) Manter sempre as próprias convicções.	7) Não questionar as normas.	8) Não discutir a moral social.
9) Ter uma religião.	10) Sempre ajudar ao próximo.	11) Colocar-se na situação do outro.
12) Respeitar as escolhas dos outros.	13) Ter um trabalho.	14) Ter uma vida acadêmica.
15) Namorar.	16) Viver uma paixão.	17) Frequentar uma igreja.
18) Sempre preservar as relações de amizade.	19) Jamais mentir.	20) Ter a presença do melhor amigo no aniversário.

Fonte: Questionário elaborado pelo autor (2018) a partir de SANTOS (2011).

Para cada questão o aluno marcou 1, 2 ou 3, referente ao grau de relevância desse comportamento para realização como pessoa.¹⁴

Quadro 03: Grau de relevância das atitudes e comportamentos.

(1) Indispensável	(2) Relativo
-------------------	--------------

Fonte: Questionário elaborado pelo autor (2018) a partir de SANTOS (2011).

Vejamos a tabela com as respostas ao questionário no momento anterior ao trabalho de relativização dos estereótipos

¹⁴ “**Questionário:** Segundo a sua opinião, para uma pessoa realizar-se como pessoa, quais atitudes e comportamentos deve possuir? Avalie as situações abaixo marcando **(1) indispensável** (necessita ter essa atitude e/ou comportamento); **(2) relativo** (significa que essa atitude e/ou comportamento depende de cada situação em específico e/ou do momento de vida que cada pessoa se encontra); **(3) irrelevante** (significa que em nada contribui à realização).” Onde marcou-se na tabela com o número “0”, significa que o aluno marcou ou duas respostas ou nenhuma. De qualquer sorte, considera-se *nula* a resposta.

Tabela 02: Respostas ao questionário antes da relativização dos estereótipos.

		ALUNOS															
		AF	ABN	EOF	ERA	EVS	FPV	FTO	GPR	KMS	LRS	LGX	MFH	RCM	RSF	TPB	
Atitudes / Comportamento	1	2	1	2	1	1	1	1	2	2	1	1	2	2	2	2	
	2	2	2	2	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	
	3	3	1	1	1	2	3	1	2	1	1	2	1	2	1	2	
	4	3	2	2	2	2	3	2	2	2	2	2	2	1	2	2	
	5	2	3	1	1	2	3	1	1	2	2	1	1	1	3	1	
	6	1	1	2	1	2	2	1	1	2	1	2	2	2	1	2	
	7	1	2	2	2	2	2	2	1	2	2	2	2	3	2	2	
	8	1	2	2	2	3	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	
	9	2	3	3	2	3	2	3	2	3	2	3	2	3	3	2	
	10	3	1	1	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	2	
	11	1	1	2	1	1	1	1	1	2	2	1	1	2	1	1	
	12	1	0	2	1	1	1	1	1	2	1	1	1	1	2	1	
	13	1	1	2	1	1	2	2	1	1	1	1	1	1	3	1	
	14	2	1	2	1	1	2	3	2	2	1	1	2	1	3	1	
	15	2	1	2	2	1	2	3	2	2	3	2	2	1	3	3	
	16	3	3	2	2	0	2	2	3	2	3	2	2	1	3	3	
	17	2	3	3	2	0	3	3	3	2	2	2	2	0	2	3	
	18	2	1	2	1	1	1	3	1	2	1	1	2	1	2	2	
	19	3	2	2	1	2	2	2	1	2	2	1	1	1	1	2	
	20	2	2	1	2	2	1	3	3	2	2	2	1	3	3	1	

Fonte: Questionários respondidos pelos alunos (2018).

A tabela seguinte refere-se às respostas lançadas no momento posterior às atividades de relativização dos estereótipos:

Tabela 03: Respostas ao questionário depois da relativização dos estereótipos.

		ALUNO															
		AF	ABN	EOF	ERA	EVS	FPV	FTO	GPR	KMS	LRS	LGX	MFH	RCM	RSF	TPB	
Atitudes / Comportamento	1	2	1	2	2	1	1	1	2	2	1	2	2	1	2	2	
	2	2	2	2	1	0	2	2	2	2	2	3	2	2	2	2	
	3	3	1	1	1	2	3	2	2	1	1	1	1	2	1	2	
	4	1	2	2	2	2	3	1	2	2	2	1	2	2	2	2	
	5	2	3	2	1	2	3	2	3	2	2	3	2	1	3	1	
	6	1	1	2	2	2	2	1	1	2	2	1	2	1	0	2	
	7	3	2	2	2	2	2	2	0	2	2	2	2	0	2	1	
	8	3	1	2	2	3	2	3	0	2	2	2	2	2	1	2	
	9	2	3	3	2	3	2	2	2	2	2	3	2	3	3	2	
	10	1	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	2	
	11	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	1	
	12	1	2	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	2	1	
	13	2	1	1	1	1	1	2	1	2	2	2	2	1	1	2	
	14	1	1	2	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2	
	15	3	2	2	2	1	2	3	3	2	3	2	2	2	3	2	
	16	3	0	2	2	1	2	3	3	2	3	3	2	2	3	2	
	17	3	3	3	2	3	3	2	2	2	2	3	2	3	3	2	
	18	2	1	2	1	1	1	2	1	1	1	1	2	1	2	2	
	19	2	2	1	2	2	2	2	1	2	2	1	1	1	1	2	
	20	3	2	1	2	2	3	3	3	2	2	2	2	2	3	2	

Fonte: Questionários respondidos pelos alunos (2018).

As tabelas 02 e 03 são preparatórias para a tabela a seguir, na qual inter cruzamos as atitudes e a sua frequência, nos dois momentos, com o

intuito de chegarmos ao percentual de mudança de respostas em cada atitude. Vejamos:

Atitude	Ind (1)	Rel (2)	Me (3)	Nulo	Ind (1)	Rel (2)	Me (3)	Nulo	
1	7	46,67%	8	53,33%	0	0,00%	0	0,00%	
2	13,33%	13	86,67%	0	0,00%	0	1	6,67%	
3	8	53,33%	5	33,33%	2	13,33%	0	7	46,67%
4	1	6,67%	12	80,00%	2	13,33%	0	3	20,00%
5	8	53,33%	4	26,67%	3	20,00%	0	3	20,00%
6	7	46,67%	8	53,33%	0	0,00%	1	6	40,00%
7	2	13,33%	12	80,00%	1	6,67%	0	1	6,67%
8	2	13,33%	12	80,00%	1	6,67%	0	2	13,33%
9	0	0,00%	7	46,67%	8	53,33%	0	0	0,00%
10	12	80,00%	2	13,33%	1	6,67%	0	10	66,67%
11	11	73,33%	4	26,67%	0	0,00%	0	14	93,33%
12	11	73,33%	3	20,00%	0	0,00%	1	12	80,00%
13	11	73,33%	3	20,00%	1	6,67%	0	9	60,00%
14	7	46,67%	6	40,00%	2	13,33%	0	5	33,33%
15	3	20,00%	8	53,33%	4	26,67%	0	1	6,67%
16	1	6,67%	7	46,67%	6	40,00%	1	1	6,67%
17	0	0,00%	7	46,67%	6	40,00%	2	0	0,00%
18	8	53,33%	6	40,00%	1	6,67%	0	9	60,00%
19	6	40,00%	8	53,33%	1	6,67%	0	6	40,00%
20	4	26,67%	7	46,67%	4	26,67%	0	1	6,67%

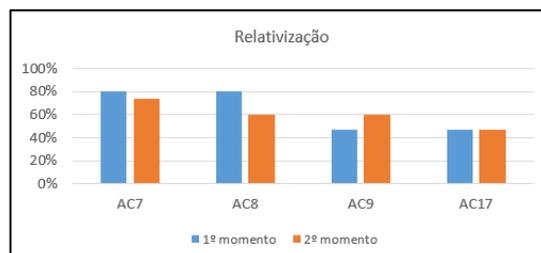
Fonte: Questionários respondidos pelos alunos (2018).

Das 20 (vinte) atitudes/comportamentos propostos, metade delas, ou seja, em 10 (dez) houve um aumento do percentual das respostas pela relativização. Das outras 10 (dez) atitudes/comportamentos, 6 (seis) tiveram diminuição de respostas em “(2) Relativo” e o restante (quatro) mantiveram-se no mesmo patamar.

Ao elencarmos como estereótipos mais próximos ao aborto, por se tratarem de categorias ligadas à religião, as quatro atitudes e comportamentos seguintes: “7) Não questionar as normas; 8) Não discutir a moral social; 9) Ter uma religião; 17) Frequentar uma igreja;”, denominados respectivamente de AC7, AC8, AC9 e AC17, a o cenário se apresenta diverso da média geral, anteriormente mencionada.

Lançamos os dados referentes à alternativa “(2) Relativo” para cada uma dessas atitudes e comportamentos, comparando o momento anterior e posterior à tentativa de relativização. Assim temos a seguinte variação:

Gráfico 01: Índice de respostas “(2) Relativo” às atitudes/comportamentos de n.º 7, 8, 9 e 17 nos momentos anterior e posterior à relativização dos estereótipos.



Fonte: Questionários respondidos pelos alunos (2018).

Como se pode observar, o quadro acima demonstra que não houve, na média de toda a turma, relativização de 03 (três) dos 04 (quatro) comportamentos agora elencados. Pelo contrário, metade deles teve a opção por respostas que demonstram enrijecimento de atitude.

Para fins de análise dos elementos textuais, de expressão consciente dos alunos, cumpre-nos trazer as redações elaboradas em aula. Para fins didáticos, traremos os exemplos dos mesmos discentes outrora selecionados. Vejamos:

Figuras 7 e 8: Redação dissertativo-argumentativa sobre o aborto.¹⁵

¹⁵ Momentos 1 (anterior à relativização dos estereótipos) e 2 (posterior à relativização dos estereótipos), da esquerda para a direita, respectivamente. Tal padrão de organização se repetirá nas figuras seguintes.

interrupção da gravidez como algo prazeroso, sem implicações para a saúde física e mental, o que, por razões óbvias, não guarda nexos com a realidade.

Por fim, os textos do terceiro colega:

Figuras 10 e 11: Redação dissertativo-argumentativa sobre o aborto.

TEMA:
Qual a moralidade do Aborto.

Aborto Sim ou Não

Um dos assuntos mais discutidos em redes sociais, mídias, jornais, onde vem a ditar as pessoas com um ponto de interogação por que o aborto para muitas é um meio onde se pode evitar um problema futuro. Também o aborto para outros, é como um assassinato, por que o feto é ser retido, já é uma vida, daí do dia em que o óvulo é fecundado pelo espermatozóide, e com isso fazendo o aborto se torna um crime.

No Constituição Federal nos primeiros artigos, rege o lei de prática ao ser humano e isso é um dos ~~tema~~ argumentos a ser usado e a lei existe, está ali para ser cumprido. Certo fato que impede o mesmo é o que são religião onde é inatenuável perante a Deus, alguns tiram a vida do próximo. No mundo opaco, sabe a que foi envidado que tá mais se vive o vida de quem -

Aborto Sim

Uma questão muito discutida na sociedade, e na autoridades, onde o aborto deve ou não ser feito. Muitas casos de aborto na gestação, hoje na sociedade como um crime, um assassinato, mas cabe a pessoa que abortou se a fazer o aborto para cabe a mulher e fazer para si, distanciar do todo em estúpido, por relacionar e se fangado com uma pecuniária, e algumas sequeis, isso para o país que é contra o aborto não é visto, mas a pessoa que parou por isso é que vai saber e vai ter consequências para o resto de sua vida.

Sou completamente a favor do aborto, pois ninguém é obrigado a carregar consigo um peso, uma responsabilidade para o resto da vida. Que culpa tem uma mulher que foi estuprada, ou abusada, muito vezes até, presa em lugares para fazer abortos sem ter contato com o mundo lá fora.

Mulheres que são suas crianças filhos de uma violência, de um abuso sem tamanho igual, por sua consciência ao qual trouxe

Fonte: Redação elaborada pelo aluno R.C.M., 2018.

No primeiro texto o aluno mostrou-se contrário ao aborto, colocando-se, porém, em dúvida se tal opinião não é “só porque aprendi assim”. Cumpre notar que no texto é lançado argumento em favor da religião. Por outro lado, no segundo texto, o autor se coloca como “completamente a favor do aborto”, invocando o critério da autonomia biológica extraplacentária.

Cumpre observar se essa mudança nesse discurso que abarca elementos do consciente é confirmada no teste dos desenhos, o qual aborda aspectos do inconsciente.

Cabe-nos, por derradeiro, realizar a análise dos testes referentes aos desenhos. Passamos, assim, à análise da primeira imagem:



Fonte: Desenho elaborado pelo aluno E.R.A., 2018.

No cenário A, o aluno utilizou símbolos de referência a si mesmo. No cenário B, trouxe a “Casa Prisional”, o que denota “estado de impotência para o Em Si.” (MENEGHETTI, 2012a, p. 153). Vejamos o segundo momento para análise em comparação:

Figuras 13 e 14: Desenho demonstrando como seriam os cenários anterior e posterior a um

aborto realizado pelo(a) próprio(a) aluno(a) ou por alguém muito próximo à ele(a).

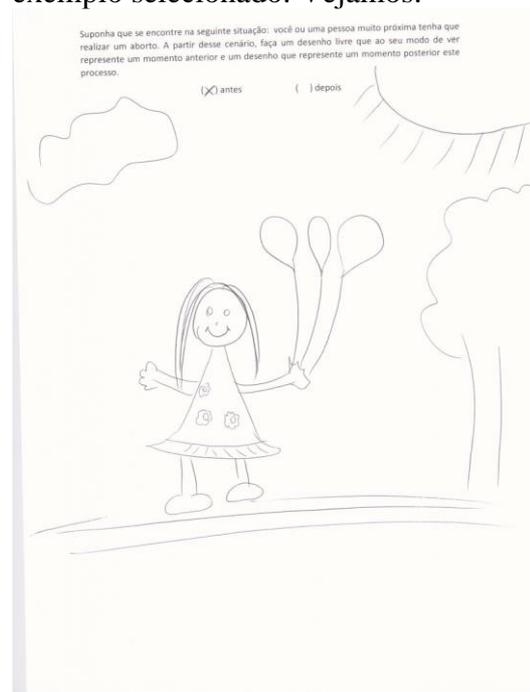
Momento 2: posterior à tentativa de relativização dos estereótipos.



Fonte: Desenho elaborado pelo aluno **E.R.A.**, 2018.

vislumbramos o ‘balão’ com a fala de que “ninguém é obrigado a abortar, porém às vezes é necessário”. Na nossa análise, pela mudança na representação dos cenários B, deixando-se de lado a casa prisional, em substituição a um símbolo humano, vislumbra-se uma relativização (ainda que leve) dos estereótipos desse aluno em virtude processo pedagógico realizado.

Passemos à análise do segundo exemplo selecionado. Vejamos:



Neste segundo momento, em ambos cenários (A e B) há a presença da figura humana, o que denota uma referência a si mesmo. Inexiste no cenário B a referência anterior à prisão. Ademais, neste cenário pós-interruptivo



Fonte: Desenho elaborado pela aluna **L.R.S.**, 2018.

No cenário A, a discente utilizou símbolos que denotam presença de luz (dia, sol), natureza e espaço aberto (sol, árvore, nuvens) e piso/chão. Destaca-se a presença do sol como símbolo de grande positividade.¹⁶ No cenário B trouxe elementos de escuridão, fechamento (chuva) e ausência de piso/chão. A chuva representa um estado de fechamento, de introversão (para o resultado do aborto).¹⁷ Em ambos momentos trouxe referência a si mesmo (desenho de si mesmo demonstrando interação com a situação proposta e com o ambiente).

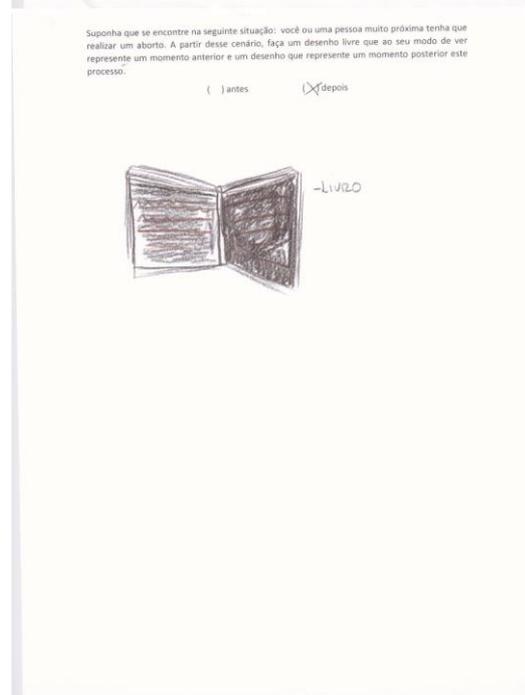
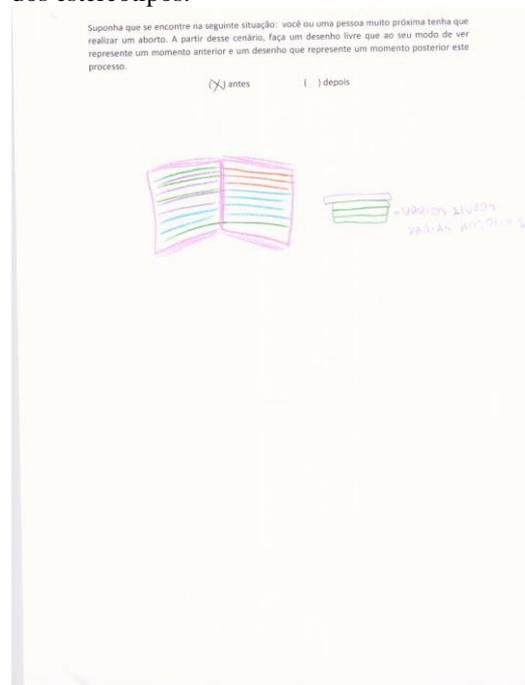
Passamos à análise dos desenhos produzidos no segundo momento:

¹⁶ Sol: “Em conexão à evidência do nosso sistema planetário, é protótipo simbólico do princípio constituinte da estrutura energética e do quanto é fenomenologicamente inerente a essa. Significa, portanto, a vida no seu princípio e, melhor ainda, o Em Si do homem. Símbolo de positividade máxima.” (MENEGETTI, 2012c, p. 161)

¹⁷ Chuva: “Estado de depressão ou de excessiva introversão que, se acentuada, poderia desembocar em permanente complexo de inferioridade.” (MENEGETTI, 2012c, p. 101).

Figuras 17 e 18: Desenho demonstrando como seriam os cenários anterior e posterior a um aborto realizado pelo(a) próprio(a) aluno(a) ou por alguém muito próximo à ele(a).

Momento 2: posterior à tentativa de relativização dos estereótipos.



Fonte: Desenho elaborado pela aluna **L.R.S.**, 2018.

Em ambos cenários a discente utilizou o símbolo do livro, o que, segundo o Prontuário, significa “incisão de sinais para formalizar os postulados de

um estereótipo. Redução categórica do superego para a fixação de comportamento. [...] teorização da matriz em eventos históricos que tendem a estabilizar o sujeito fora de cada devir em progresso funcional” (MENEGETTI, 2012c, p. 133). No cenário A esse livro é colorido, sendo colocado ao seu lado a representação de 4 obras e os dizeres “Vários livros / Várias histórias”. No cenário B, o livro com linhas em cor (marrom) aparece totalmente hachurado em preto, com o dizer “livro”. À par do significado evidente de que no primeiro cenário a discente vislumbra diversos caminhos de vida para a mulher grávida e que, após a realização do aborto se vê no “livro negro” (referência à erro, culpa, desde os livros de advertência das escolas), com uma única história (sombria), isto é, um único livro que escreve a vida, o fato é que os símbolos mudam drasticamente do primeiro para o segundo momento (antes e após a tentativa de relativização). Desaparecem elementos ligados à natureza e presença de si, os quais dão lugar ao símbolo que representa estrutura fechada, rígida, estereotipada. Isso pode indicar, em nossa análise, um reforço da estrutura complexual da discente em direção à fixação dos próprios estereótipos, ao invés de abertura, de relativização.

Faremos, por fim a análise do nosso último exemplo:

Figuras 19 e 20: Desenho demonstrando como seriam os cenários anterior e posterior a um aborto realizado pelo(a) próprio(a) aluno(a) ou por alguém muito próximo à ele(a).

Momento 1: anterior à tentativa de relativização dos estereótipos.



Fonte: Desenho elaborado pelo aluno **R.C.M.**, 2018.

Figuras 21 e 22: Desenho demonstrando como seriam os cenários anterior e posterior a um aborto realizado pelo(a) próprio(a) aluno(a) ou por alguém muito próximo à ele(a).
Momento 2: posterior à tentativa de relativização dos estereótipos.



programação para uma situação objetal.¹⁸ Nossa análise não se embasará, por si só, na positividade ou negatividade dos símbolos. A questão central é que não houve qualquer mudança entre uma situação e outra. São os mesmos símbolos, mesmos cenários e idênticos traços nos dois momentos propostos, o que denota que não houve relativização, tampouco reforço dos estereótipos.

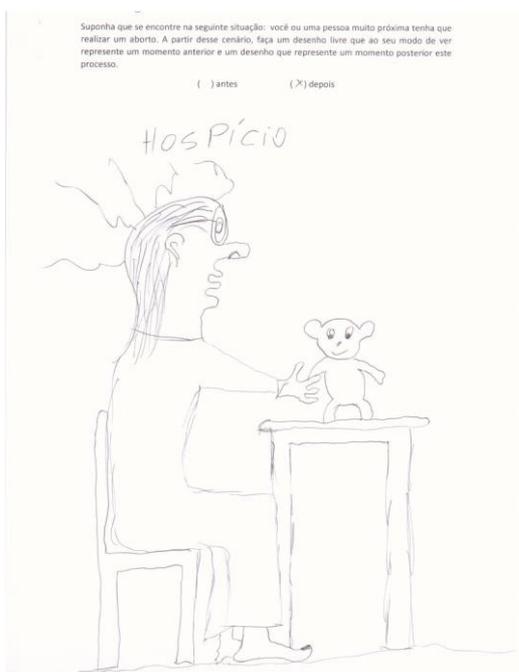
No que tange à frequência de símbolos mais recorrentes, entre todos os 15 alunos, verificou-se o que segue:

Tabela 05: Recorrência de símbolos.

Símbolos	Antes ¹¹	Depois
Símbolos com representação humana, de si mesmo	12	9
Símbolos referentes a culpa, superego (tribunal, hospício, casa):	4	3
Símbolos referentes a inserção, intermediação (cirurgia, agulhas, hospital, farmácia)	4	6
Símbolo de pré-fixado (livro):	0	1
Símbolos de natureza, clareza (árvore, sol):	2	1
Símbolo de dor, regressão (cruz, cemitério)	1	1

19

Fonte: Desenhos elaborados pelos alunos, 2018.



Fonte: Desenho elaborado pelo aluno **R.C.M.**, 2018.

Nos dois momentos, em ambos cenários, vemos os mesmos elementos humanos, a referência ao enlouquecimento (hospício) e o bicho/urso de pelúcia sobre a mesa, que pode ser uma referência à substituição do nascituro, um real, pelo irreal, sem vida, mecânico, um mero brinquedo. O símbolo do brinquedo representa

Nesse contexto, o que se pode observar é que não houve em linhas gerais uma relativização dos estereótipos. Ao contrário, somente em dois alunos, E.R.A. e G.P.R., pode-se ver claramente alguma relativização. Nos demais, houve reforço do complexo, através do aparecimento de elementos de fechamento, regressão, inserção, ou então manutenção dos mesmos elementos do primeiro teste (o que pode indicar a rigidez, ainda que sem reforço complexual).

Conforme visto, o presente trabalho demonstrou que os testes que analisaram aspectos conscientes aplicados aos três alunos modelos, apresentaram como resultado um maior nível de respostas “(2) relativo”. Quando analisados todos os alunos, também obtivemos um aumento de respostas “(2) relativo”. Por outro lado, ao

¹⁸ Brinquedo: “Instrumento inútil capaz de envolver o investimento do vivente, programando-o para a simulação objetal e vital. É paradigma da grelha de deformação.” (MENEGETTI, 2012c, p. 92).

¹⁹ Antes e depois estão relacionados ao trabalho de relativização dos estereótipos.

estabelecermos como parâmetro as 4 (quatro) atitudes/comportamentos relacionadas ao estereótipo da religião, o qual é predominante no tema do aborto, obtivemos aumento de respostas relacionadas à absolutização da vivência dos estereótipos sociais. Quando observamos os resultados dos testes dos desenhos, através dos quais analisamos aspectos do inconsciente, podemos vislumbrar um aumento geral de símbolos que denotam o reforço dos estereótipos nos alunos. Quanto aos três alunos selecionados, diferentemente do teste dos questionários, serviram de exemplo para cada um dos resultados: de relativização ou reforço dos estereótipos e de rigidez em qualquer mudança. Pelo fato de o questionário atingir aspectos do consciente, acreditamos que o discente tende a demonstrar que concorda com o posicionamento proferido predominante em aula. Contudo, os testes que analisaram aspectos do inconsciente demonstraram atuação do monitor de deflexão no reforço dos estereótipos predominantes.

5 Conclusões

O presente trabalho tratou de investigar a atuação dos estereótipos como barreira na aprendizagem de conceitos de filosofia moral. Nesse sentido, restou evidenciado pelo teste dos desenhos a potência desses estereótipos quando tratado do tema do aborto. Outrossim, pela presença de um número maior de elementos negativos (fechamento, inserção, reforço) no segundo momento do teste, demonstramos que trabalhar com temas que possuem estereótipos muito fortes, *in casu*, estereótipo da religião, acaba por reforçar a estrutura complexual do aluno. Nesse diapasão, o trabalho docente de demonstrar aos jovens que existem outros modos de deparar-se diante do mundo acaba por não atingir seu escopo.

O desvio do objetivo inicial do professor ocorre pelo modo de funcionamento do inconsciente, o qual, ao sinal de um estímulo externo que toque em um tema de forte emoção, ativa o funcionamento do monitor de deflexão, fazendo com que o olhar do aluno se foque apenas na lente viciada pela estereotipia.

A partir desse cenário, emerge a necessidade de traçar um novo modo de fazer pedagógico na disciplina de Filosofia 01, tendo em que esses alunos se tornarão profissionais de uma área de grande impacto social como o Direito, onde haverá uma considerável possibilidade de se depararem com esse tema no cotidiano.

Por essa razão, urge construir um caminho pedagógico que dê conta de relativizar paulatinamente os estereótipos sociais. Uma proposta possível é de que ao longo do semestre sejam lançados pequenos tópicos de discussão mais brandos, imiscuindo-se inicialmente de assuntos que envolvam os estereótipos mais categóricos, como família, religião e piedade. Com essa estratégia é possível mostrar ao jovem que há outros pontos de contato com o mundo, o que irá contribuir para o enfrentamento de temas mais densos, com verdadeiros dilemas morais e, via de regra, com o aparecimento das categorias mais fixas. Afinal, como nos ensina o professor Antonio Meneghetti (2015, p. 72) “Propor um relativismo de cada moral significa liberdade interior, não contraposição a qualquer ordenamento institucional ou societário. O meu é sempre um discurso de foro interno e não de luta externa. É uma revolução interior, solitária, silenciosa.”

Referências

MARQUIS, Don. **Por que o aborto é imoral?** In RACHELS, James; RACHELS, Stuart. A coisa certa a fazer:

leituras básicas sobre filosofia moral. Tradução técnica Delamar José Volpato Dutra. – 6ª ed. – Porto Alegre: AMGH, 2014, pp. 95-101.

MENEGHETTI, Antonio. **A imagem e o inconsciente**. Recanto Maestro (RS): Ontopsicológica Editora Universitária, 2012a.

MENEGHETTI, Antonio. **A feminilidade como sexo, poder, graça**. Recanto Maestro (RS): Ontopsicológica Editora Universitária, 2013a.

MENEGHETTI, Antonio. **Conhecimento Ontológico e Consciência**. Recanto Maestro (RS): Ontopsicológica Editora Universitária, 2011a.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. Recanto Maestro (RS): Ontopsicológica Editora Universitária, 2012b.

MENEGHETTI, Antonio. **Direito Consciência Sociedade**. Recanto Maestro (RS): Ontopsicologica Editrice, 2009.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro (RS): Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. **O critério ético do humano**: Premissas humanísticas para o terceiro milênio. Porto Alegre: Ontopsicologica Editrice, 2002.

MENEGHETTI, Antonio. **O Em Si do homem**. Recanto Maestro (RS): Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, Antonio. **O Projeto Homem**. Recanto Maestro (RS):

Ontopsicológica Editora Universitária, 2011b.

MENEGHETTI, Antonio. **Os jovens e a ética ôntica**. Recanto Maestro (RS): Ontopsicológica Editora Universitária, 2013b.

MENEGHETTI, Antonio. **Pedagogia Ontopsicológica**. Recanto Maestro (RS): Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, Antonio. **Prontuário onírico**. Recanto Maestro (RS): Ontopsicológica Editora Universitária, 2012c.

MENEGHETTI, Antonio. **Sistema e personalidade**. 3. ed. Recanto Maestro (RS): Ontopsicologica Editrice, 2004 e 2019.

NAPOLI, Ricardo Bins di. **Dilemas morais**. In TORRES, João Carlos Brum. *Manual de Ética: questões de ética teórica e aplicada*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, pp. 200-221.

SANDEL, Michael. **Justiça: o que é fazer a coisa certa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

SANTOS, Rafael Padilha dos. **A formação da tendência ética no processo de aprendizagem**. 2011. 150 f. Monografia (Especialização) - Curso de Cátedra de Ontopsicologia, Universidade Estatal de São Petersburgo, São Petersburgo, 2011.

THOMSON, Judith Jarvis. **Uma defesa do aborto**. In RACHELS, James; RACHELS, Stuart. *A coisa certa a fazer: leituras básicas sobre filosofia moral*. Tradução técnica Delamar José Volpato Dutra. – 6ª ed. – Porto Alegre: AMGH, 2014, pp. 102-118.

Vídeo

Entrevista Jefferson Derezett, médico, Coordenador do Ambulatório de violência sexual e de aborto legal no Hospital Pérola Baiton, São Paulo, SP – novembro de 2012, site drauziovarella.com.br, 14'50''.